

A República Popular da China e a Trajetória das suas Forças Armadas.

Carlos Eduardo Riberi Lobo*

O presente trabalho tem por objetivo discutir a trajetória das Forças Armadas [FA], da República Popular da China [RPC], através do Exército Popular de Libertação [EPL], desde meados da década de 1970 até os dias de hoje. Enfocando o processo de modernização e ampliação do seu poder, dentro da política de modernização da era Deng iniciada em 1978, visando manter o status da RPC enquanto potência regional e garantir sua capacidade militar no mundo pós Guerra Fria, numa Ásia em constante transformação política e econômica. Para tanto dividiremos o texto em três partes; 1) A trajetória das FA da revolução de 1949 até o início da era Deng Xiaoping 2) A política de modernização das FA nas décadas de 1980 e 1990, 3) O papel das FA no contexto político chinês, a questão de Taiwan e seu papel no contexto asiático.

A trajetória das Forças Armadas da RPC até a era Deng Xiaoping.

As Forças Armadas da RPC constituem um exemplo tradicional de Forças Armadas de formação revolucionária, ou seja; um exército de formação popular insurrecional, aqui no caso o Exército Vermelho criado na década de 1920 e depois de 1946 com a denominação de Exército Popular de Libertação [EPL], que se legitima enquanto força armada pela conquista do poder, contando com apoio de parte significativa da população. Além da formação revolucionária, poderia ser destacado o seu caráter nacionalista, semelhante a um exército de libertação nacional em luta pela independência em relação à metrópole. Essas duas características associadas, formação popular e luta contra o imperialismo, forneceram a aceitação e o apoio por

* Mestre em História Social pela PUC-SP; Doutorando em Ciências Sociais -Relações Internacionais pela PUC-SP, membro do GEAP.

parte significativa da população chinesa para o Exército Popular de Libertação [EPL] e sua vitória frente a tropas nacionalistas em 1949. Tendo sua origem na *Guerrilha Rural*, as forças revolucionárias se organizaram através do Exército Popular de Libertação, ou seja a força terrestre, que historicamente na organização dos diversos modelos de Forças Armadas é a maior e mais importante em termos numéricos. A vitória sobre as forças nacionalistas, mais bem equipadas e treinadas pelos americanos, demonstrou a qualidade da organização do EPL, tanto em termos militares como políticos.

Logo após a vitória em 1949, o EPL entrou novamente em combate na Guerra da Coreia, entre 1950-1954, onde impôs considerável resistência aos países liderados pelos EUA, melhor equipados e recém saídos da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, esse mesmo conflito demonstrou as carências do EPL, com relação aos seus equipamentos e a predominância de um *exército de massas* em detrimento de um *exército profissional*. A organização do EPL era baseada em grandes contingentes, formados em táticas de guerrilha e predomínio dos *efetivos* sobre a *técnica militar*.

O processo de modernização e profissionalização do EPL inicia-se na década de 1950, paralelamente a política do Grande Salto à Frente idealizado por Mao Tsé-Tung, visando a industrialização do país. Este processo pode ser entendido como *sovietização* do EPL, que seria organizado em 3 ramos principais pela ordem de importância:

- 1) Exército [força terrestre] EPL
- 2) Força Aérea [aeronáutica] FAEPL
- 3) Marinha [armada] MEPL

Como é possível observar, há um evidente predomínio do Exército, seguido em importância pela Força Aérea e depois pela Marinha, esquema semelhante àquele empregado pelas forças armadas soviéticas, no mesmo período. É interessante notar as semelhanças na trajetória das forças armadas soviéticas e chinesas, onde o passado revolucionário e a formação

de um *exército popular*, forneceram a base de organização de uma estrutura militar terrestre enorme, com a aviação como arma de apoio e a marinha como força auxiliar. Também merece destaque em ambos os casos observar a estreita ligação entre o *Partido Comunista* e o *Exército Revolucionário* e a subordinação do meio militar a estrutura política civil, através da direção da vida do país pelo partido e não pelos militares, ainda que sejam sociedades extremamente militarizadas. Caberia ainda ao exército revolucionário defender o partido e a revolução frente a inimigos externos e internos.¹

Nesse mesmo período, década de 1950, tem início o desenvolvimento mais estruturado da indústria bélica na RPC, baseada no modelo soviético, onde os equipamentos seguiam o modelo: *quantidade e rusticidade* versus *qualidade e sofisticação*, quando comparados com modelos ocidentais. Antes de tudo, era necessário uniformizar os equipamentos e hierarquizar as FA, o modelo de guerrilha rural não seria mais eficiente num contexto de guerra fria. Entretanto apesar do processo de modernização das FA, o caráter popular e a política de defesa da RPC sempre mantiveram vínculos estreitos com o passado revolucionário e a defesa do território nacional. Mesmo Mao Tsé-Tung não via com bons olhos a “*profissionalização*” e “*burocratização*” do EPL, principalmente após a Guerra da Coreia, onde o modelo soviético parecia superar o modelo de exército popular.

As indústrias oriundas do modelo soviético, instaladas na RPC já na década de 1950, assim como o fornecimento de equipamentos da mesma origem, conseguiram uniformizar a organização das FA e preparar a RPC para avanços significativos no campo militar já na década de 1960, como a construção de jatos, navios, tanques e também em relação ao

¹ Sobre as forças armadas soviéticas, sua trajetória e organização, ver o trabalho de: Ray Bonds [et alij]. The Soviet War Machine. The illustrated encyclopedia of the strategy, tactics and weapons of The Soviet War Machine. London: Salamander Books, 1980. Ver a respeito do EPL o extenso trabalho também organizado por: Ray Bonds [et alij]. The Chinese War Machine. A Technical Analysis of the Strategy and Weapons of the People's Republic of China. London: Salamander Books, 1979. Outro trabalho sobre a trajetória da Revolução Chinesa: David Ress. “Estrela Vermelha a Oriente” in: Robert Thompson; John Keegan. A Guerra no Mundo. Guerras e Guerrilhas desde 1945. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1983, pp. 1-15.

desenvolvimento de armas nucleares, estreitaram os laços com o *modelo militar soviético*. Com apoio da URSS, a China desenvolveu pesquisas no campo da energia nuclear, conseguindo em 1964 explodir sua primeira bomba atômica.²

Porém, o rompimento político entre a RPC e a URSS na década de 1960, levou tanto a uma paralisação do fornecimento de tecnologia militar via URSS, como um aumento do isolamento da China no cenário internacional. A luta pela supremacia no campo socialista, ou uma visão chinesa da via socialista e a busca da autonomia nuclear foram alguns dos motivos significativos para esse rompimento. No campo militar além dos tradicionais inimigos do bloco capitalista, como EUA, Japão e Grã Bretanha, agora a URSS, com quem a China possuía uma enorme fronteira, aparecia como principal rival.

Ainda na conturbada década de 1960, a RPC passou por um processo de conflitos políticos internos, através da revolução cultural, que iniciada nesse período perdurou até metade da década de 1970. Nos meios políticos e intelectuais a revolução cultural causou maiores estragos, com expurgos e perseguições a quem se opusesse aos rumos determinados por Mao Tsé-Tung e seu livro vermelho, que contava com o apoio dos Guardas Vermelhos, esses uma força de oposição frontal as FA, hierarquizadas e burocráticas. A própria hierarquia militar tradicional foi suprimida, retornando somente no início da década de 1980. A situação de caos político começa a diminuir com a aproximação da RPC com os EUA em 1972 no Governo Nixon, onde um velho inimigo pode se tornar um aliado, contra um outro inimigo em expansão na Ásia, a URSS. A eminente derrota americana no Vietnã, parecia a aumentar a presença soviética na região. A aliança EUA-RPC mostrava-se conveniente para ambos os lados, para contrabalançar a expansão da URSS na Ásia.

² Ray Bonds. The Chinese War Machine, op. cit.

Com a morte de Mao Tsé-Tung e do seu provável sucessor, Chu En Lai em 1976, com a subida ao poder de Deng Xiaoping e a condenação do “bando dos quatro”, aos poucos, o poder central foi sendo retomado na RPC, ou seja, nas mãos do Partido Comunista Chinês [PCC]. A China buscava retomar o rumo do crescimento econômico e distanciar-se do caos, tão recorrente ao longo da sua história.

Ainda no final da década de 1970, a RPC entra em conflitos fronteiriços com o Vietnã, agora unificado, e encontra dificuldades no campo de batalha, sendo obrigada a recuar e deixar as áreas invadidas. De fato no início da década de 1980 a RPC estava acuada em termos estratégicos, com a URSS e o Vietnã como vizinhos e inimigos, a Índia também estava nessa categoria, país que contava com apoio da URSS. Havia também Taiwan, ainda contando com apoio dos EUA. Era necessário modernizar a economia e as Forças Armadas e retirar o país do isolamento internacional.³

A modernização das Forças Armadas nas décadas de 1980-1990. A era Deng Xiaoping.

As políticas de modernizações iniciadas na era Deng Xiaoping [1978-1997] no princípio da década de 1980, nas áreas da *Agricultura, Ciência e Tecnologia, Defesa e Indústria*, visavam colocar a China no rumo do desenvolvimento econômico. A ortodoxia do modelo econômico socialista já mostrava sinais de fadiga no bloco socialista. Na RPC o modelo não conseguia atender as demandas do país, contando nesse período com mais de um bilhão de habitantes. O socialismo chinês, mostrando-se mais flexível, buscava a cooperação com o ocidente e o mundo capitalista, para sanar suas deficiências tecnológicas e conquistar mais dinamismo econômico.

³ Com relação a trajetória recente da política na RPC ver: Michael Sheridan: “É a primeira transição pacífica de poder” in: O Estado de S. Paulo. São Paulo, 20 de setembro de 2004, internacional, pp. A 11. Ver também de Wendy Lubetkin. Os Grandes Líderes – Deng Xiaoping. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

A indústria bélica chinesa, produzindo produtos de origem soviética, estava em defasagem em relação à própria URSS, desde meados da década de 1960. Seus modelos de aeronaves, navios, blindados eram inadequados para fazer frente a equipamentos soviéticos mais modernos desenvolvidos na década de 1970, principalmente no campo da guerra eletrônica, blindados, aviação estratégica e meios navais de alto mar.

Com relação ao Ocidente a defasagem era ainda maior. De fato os equipamentos de origem chinesa davam uma condição defensiva a RPC, pois o histórico de conflitos com a URSS e Índia na década de 1960 e Vietnã na de 1970 demonstrou os limites do EPL organizado nos moldes revolucionários e sem um caráter *profissional e burocrático*. O *gap* tecnológico seria aos poucos superado, com a RPC adquirindo e produzindo sob licença equipamentos ocidentais, no campo civil e militar, melhorando tanto a defesa do país como a infra-estrutura produtiva e modernizando a economia.⁴

As mudanças no EPL

A organização do EPL também começou a sofrer transformações, visando sua modernização e profissionalização. Aqui cabe uma explicação, pelos padrões ocidentais, o papel do EPL na sociedade chinesa é muito mais complexo do que apenas zelar pela integridade e defesa nacional, como nos exércitos nacionais no Ocidente. Dentre suas funções primordiais está garantir o poder do PCC [Partido Comunista Chinês] e a manutenção da revolução chinesa e auxiliar no desenvolvimento do país. Mais próximo de um modelo de exército de um país em desenvolvimento, o EPL tem controle de indústrias e outras atividades econômicas do país. Exemplo semelhante

⁴ Sobre a indústria bélica chinesa inspirada no modelo soviético ver: Colonel William V. Kennedy: "The Defence of China's Homeland" in: Ray Bonds. The Chinese War Machine, op cit pp. 93-121. Apesar do *gap* tecnológico entre o bloco socialista, incluindo a RPC, e o Ocidente, em muitas áreas a URSS alcançou ou superou seus adversários, como no campo aeroespacial, da indústria bélica e indústria pesada, as duas últimas foram a base do processo de industrialização da RPC desde a década de 1950.

ao papel significativo desempenhado na condução da política nacional em alguns países pelas forças armadas na América Latina nas décadas de 1970 a 1980, como em outros países da Ásia no mesmo período.⁵ Também não há a autonomia que existe em outros países com relação à Força Aérea e a Marinha, o EPL engloba esses dois ramos das forças armadas, prevalecendo a força terrestre como força estratégica principal, com o apoio da Força Aérea e da Marinha, por essa ordem de importância. O caráter do EPL é defensivo desde a revolução de 1949, e os conflitos com a Coreia, Índia, URSS e Vietnã são mais fruto de questões geopolíticas, defesa de interesses nacionais e manutenção no poder do PCC, do que uma possível política expansionista da RPC na Ásia.

1) Mudanças na Força Terrestre desde a década de 1980 – o EPL

Alterar a estrutura e o papel político do maior exército do mundo é uma tarefa complexa, demorada e delicada. No início da década de 1980 o EPL e sua *força terrestre* contavam com um total de 3.600.000 homens em atividade, sendo assim o maior exército do mundo, dividido em 3 ramos; força principal, força regional e milícias. A estrutura era voltada para a *Guerra Popular Revolucionária*, de caráter defensivo. A questão principal no início da era Deng era a capacidade de adaptação do EPL para uma nova estrutura mais profissional, tendo como principal adversário o Exército Vermelho da URSS.⁶

⁵ O modelo Chinês de Forças Armadas, mais próximo ao modelo da antiga URSS, onde praticamente não há uma separação entre vida militar e vida civil. O soldado e o cidadão são o mesmo indivíduo, não pode ser comparado aos modelos da OTAN ou dos EUA, onde a ingerência das Forças Armadas na vida política e econômica é bem menor. Na América Latina durante o recente ciclo militar iniciado na década de 1960, as Forças Armadas atuavam em diferentes áreas da vida nacional, como indústrias estratégicas, transportes, indústria bélica, etc. Ainda com relação a atuação das forças armadas na vida política nacional, na própria Ásia, na Indonésia e na Coreia do Sul, ocorreram exemplos semelhantes nas últimas décadas.

⁶ Sobre a força terrestre do EPL, ver: Harvey W. Nelsen, "The Organization of China's Ground Forces" in: Ray Bonds. The Chinese War Machine, op cit, pp. 65-91.

A força principal é de fato a força voltada para a linha de frente, para combater exércitos inimigos, contando com equipamentos de combate de um exército moderno, como blindados, artilharia, infantaria, etc, produzidos na própria RPC. Sua organização visa defender os pontos estratégicos da economia e sociedade chinesa, como o Nordeste do país, Pequim e a região Sudeste. As fronteiras com a URSS e a Índia poderiam ser vistas como áreas mais expostas dentro da estratégia de organização da defesa nacional. Há ainda a região costeira e a proximidade com Taiwan como pontos estratégicos.

A força regional é mais voltada para a defesa local, organizada nos moldes da guerra de guerrilha ou guerra popular de resistência. Sua função, sendo organizada como infantaria leve, é dar suporte à força principal no caso da invasão do país. Tem também como função a organização e a liderança de unidades de guerrilha na retaguarda para a defesa contra a invasão da RPC.

A milícia serve como reserva, na falta de um sistema desse tipo organizado em todo território nacional. Em tempos de guerra apoiaria as tropas de guerrilha e de linha de frente, com apoio logístico e na área de inteligência. *É de fato o povo em armas*, organizado nas comunas por toda a RPC, com apoio do PCC. Em tempos de paz além de treinar em conjunto com outros ramos das Forças Armadas, atua no desenvolvimento do país.

Equipamentos - Boa parte dos blindados, tanques e veículos e artilharia do EPL são baseados em modelos soviéticos, obsoletos se comparados com os modelos dos EUA, OTAN e Japão, mas eficientes para a política defensiva da RPC, inclusive com o desenvolvimento de modelos de tanques de combate genuinamente nacionais como os tipos: 85-II, 80, 69, 59, 62, 63 e blindados sobre lagartas: YW 531 H, YW 531 C, 77; sobre

rodas: WZ 523, WZ 551; canhões auto-propulsados tipo 85, tipo 54-1, tipo 83; equipamentos produzidos pela indústria bélica estatal chinesa *Norinco*.⁷

Com relação a organização administrativa do EPL, o país era dividido em 11 regiões militares até meados da década de 1980 [em 1987 já eram as atuais sete regiões militares], que em tempo de guerra tornariam-se autônomas para a condução da “*guerra popular*”. Nos tempos de paz a maior concentração de forças está na região de Pequim, com os comandos responsáveis pelas atividades administrativas. As forças regionais são relativamente estáticas, com a força principal tendo mais flexibilidade de deslocamento e contando com apoio das milícias populares.⁸

A organização desse modelo de defesa terrestre pressupõe um papel vital desempenhado pelo PCC, ou seja, no fundo o EPL é de fato um exército do Partido Comunista e da defesa da Revolução. Durante a Revolução Cultural na década de 1960, e na crise da Praça da Paz Celestial em 1989, foi o EPL que restaurou a ordem e o poder central do PCC. A origem do EPL é a partir do PCC e não o contrário.

2) Mudanças na Força Aérea – FAEPL

Criada logo após o triunfo da revolução em 1949, a FAEPL é organizada fundamentalmente para a defesa aérea e manutenção da soberania do espaço aéreo chinês. Influenciada pela doutrina maoísta de

⁷ Sobre a produção e a diversidade dos veículos militares na RPC ver: Christopher F. Foss. *Jane's Tank Recognition Guide*. Glasgow: Harper Collins Publishers, 1996; em especial: pp. 14-25; pp. 134-139; pp. 330-333; pp. 402-405; pp. 426-427. A mesma indústria, *Norinco*, exporta armamentos para vários países, situando a RPC como um dos grandes exportadores de armas no cenário internacional.

⁸ Harvey W. Nelsen. “The Organization of China's Ground Forces”, op.cit. Com relação a organização das 7 regiões militares do EPL já na segunda metade da década de 1980, sua organização e o dia a dia do Exército, Aeronáutica e Marinha ver o trabalho de reportagem realizado por John Robert Young. *The Dragon's Teeth. Inside China's Armed Forces*. New York: Orion Books, 1987. Ainda segundo John Robert Young, op. cit. pp. 52-70, na segunda metade da década de 1980 o efetivo das milícias populares armadas estaria em torno de 12 milhões de pessoas. O país ainda contaria com uma rede de túneis para a defesa, manutenção e organização da resistência ao invasor, semelhante ao modelo utilizado pelos guerrilheiros comunistas do Vietnã na guerra contra os EUA.

Guerra Popular, a estrutura da FAEPL é estritamente defensiva, podendo atuar de maneira ofensiva, ainda que limitada, contra os seus vizinhos fronteiriços. Até meados da década de 1980, o grande adversário da FAEPL era a força aérea soviética, que possuía mais aeronaves e equipamento com maior grau de sofisticação. Atualmente a Índia e os EUA aparecem como possíveis adversários. A FAEPL vem num segundo plano de importância na estrutura das Forças Armadas, logo após a força terrestre e estruturada com intuito de apoiar o exército. Existem ainda: Aviação Naval da Marinha do EPL e mais recentemente foi criada a Aviação do Exército do EPL, que serão estudados em separado.

A organização da FAEPL segue os moldes soviéticos, na estrutura dos esquadrões e padrões de treinamento, o país é dividido em 7 regiões militares administrativas para atividades da Força Aérea, cada região controla a aérea geográfica correspondente a sua atuação e conta com certo grau de autonomia operacional semelhante a do EPL. Suas aeronaves são ainda em grande parte baseadas em modelos soviéticos como caças: MIG-17 [J-5 na denominação chinesa], MIG-19 [J-6], MIG-21 [J-7] A-5 [versão modificada do MIG 19] e bombardeiros médios Il-28 [H-5]. Nos últimos anos, em especial na década de 1990, avanços significativos foram alcançados com o desenvolvimento de aeronaves mais sofisticadas, em especial caças supersônicos, de modelo chinês, como interceptadores J-8/II. Nos últimos anos, a Rússia forneceu a China caças SU-27 [J-11, produzido localmente] e SU-30, com tecnologia sofisticada, e voltados para a superioridade aérea e interceptação. O antigo inimigo, a Rússia, tornou-se um oportuno fornecedor de tecnologia de ponta na área militar e aeroespacial.⁹

A aviação de transporte ainda está se estruturando, mas não tem capacidade estratégica como a aviação da antiga URSS, países da OTAN ou dos EUA. Conta com modelos baseados em projetos soviéticos como AN-2 a

⁹ Sobre a trajetória da FAEPL, ver o detalhado trabalho de: David Willis [editor, et. ali]. Aerospace Encyclopedia of World Air Forces. London/Westport: Aerospace Publishing/AIRtime Publishing, 1999, em especial pp. 288-291.

pistão, e turbohélice: AN-12 [Y-8], AN-24 [Y-7], AN-26, AN-30, IL-14. Alguma capacidade estratégica, ainda que dentro dos limites do território chinês e países vizinhos é possível, graças a compra nos últimos anos de alguns jatos IL-76 russos de transporte de longo alcance e HS-Trident britânicos, esses comprados nos anos setenta. Na década de 1990 foram iniciados processos de desenvolvimento e fabricação na RPC de aeronaves de alarme aéreo antecipado, baseado no modelo IL-50 russo [com apoio logístico de Israel, posteriormente paralisado devido a pressões americanas]; de reabastecimento aéreo e bombardeio estratégico, ambos cópias do modelo Tu-16 de origem soviética fabricado na RPC desde o final da década de 1960. Entretanto, a grande maioria das aeronaves é baseada em modelos soviéticos das décadas de 1950 e 1960.

Criada em 1953, a Aviação Naval da Marinha do EPL, tem como função principal prestar apoio as unidades navais da Marinha do EPL no mar da China e efetuar missões de patrulha costeira. Organizada nas províncias ao longo da costa, é dividida administrativamente em 3 frotas, seguindo o padrão da MEPL. Seus tipos de aeronaves são semelhantes àqueles utilizados pela força aérea, fundamentalmente modelos de origem soviética, tais como caças MIG-17 [J-5], MIG-19 [J-6], MIG-21 [J-7], J-8, Q-5 e o mais recente JH-7 de produção nacional; bombardeiros IL-28 [H-5] e TU-16 [H-6]. Os helicópteros para apoio as unidades navais e guerra são baseados em modelos mais modernos, de origem francesa fabricados na China sob licença desde a década de 1980; como o de médio porte SA-365 [Z-9] e o de grande porte SA-321 [Z-8], alguns helicópteros Ka-27 para combate anti-submarino foram comprados da Rússia em 1997 para serem utilizados em destróieres de origem russa recentemente adquiridos.¹⁰

A Aviação do Exército do EPL foi criada em 1988, com a transferência de helicópteros da Força Aérea para o Exército. Organização mais moderna, dividida em 5 brigadas aéreas, conta em seu inventário equipamento mais

¹⁰ Idem, op. cit, pp. 288-291.

sofisticado de origem francesa e russa como os helicópteros franceses: AS-355 [Z-11] de pequeno porte, SA-365 [Z-8] de médio porte e SA-321 [Z-8] de grande porte. Helicópteros russos de médio porte Mi-8 e Mi-17 foram adquiridos recentemente. Há a necessidade de helicópteros de ataque e modelos russos e sul-africanos estão sendo avaliados para compra e provável produção na RPC.¹¹

A aviação militar como um todo na RPC está sendo alvo de modernizações, com o desenvolvimento de novas aeronaves e incorporação de tecnologia militar da França e Rússia, principalmente na aviação de apoio. A superioridade aérea e a vitória marcante da Força Aérea Americana nos conflitos do Golfo em 1991, na antiga Iugoslávia e Sérvia na década de 1990 e no Iraque em 2003, demonstraram para a elite militar chinesa a preponderância da arma aérea nos conflitos contemporâneos. A obsolescência da FAEPL ficou mais evidente quando da derrota das forças aéreas iraquianas e sérvias, praticamente sem oferecer resistência aos americanos, forças aéreas essas que contavam com equipamento mais sofisticado, de origem soviética, que aqueles disponíveis pela RPC. A compra de aeronaves de combate russas e helicópteros franceses busca diminuir a distância da tecnologia militar entre a RPC, os EUA e Taiwan.

3) Mudanças na Marinha – MEPL

Criada de fato logo após a revolução em 1949, a MEPL sempre teve menos importância política e militar que o Exército e a Força Aérea, somente a partir de meados da década de 1980 é que começou a aumentar seu poder militar e progressivamente passar de uma força de defesa costeira para uma marinha de alto mar ou de águas azuis. Até o início dos anos oitenta era composta fundamentalmente por lanchas de ataque e submarinos, equipamento obsoleto também baseado em modelos soviéticos da década de 1960. Todavia na década de 1980 novas unidades começaram a ser

¹¹ Idem, op. cit.

construídas, como fragatas e destróieres de projeto nacional. No campo da guerra submarina, novos submarinos nucleares de ataque começaram a ser construídos, assim como um submarino nuclear equipado com mísseis nucleares.¹²

A organização da MEPL é composta por 3 frotas: Frota do Mar do Norte, Frota do Mar do Leste, Frota do Mar do Sul; o quartel general fica em Pequim. A Frota do Norte protege a região de Pequim e a estratégica região nordeste da RPC, em especial o Mar Amarelo e o Golfo de Po Hai e a região marítima da Coréia do Norte e Coréia do Sul; A Frota do Leste protege a região industrial de Xangai e atua no estreito de Taiwan; A Frota do Sul protege a região de Cantão, Hong-Kong e Macau e ilhas no Mar do Sul da China como as águas territoriais e limites internacionais com o Vietnã e as Filipinas.¹³

O aumento do poder da MEPL é diretamente relacionado com o crescimento econômico e abertura da RPC nas últimas duas décadas. Dependendo economicamente cada vez mais da exportação de produtos manufaturados, como da importação de matérias primas, tecnologia e capital, a RPC não pode prescindir de uma marinha que garanta seu livre acesso ao mar, pelo menos na região do Pacífico. A Construção de navios de guerra nos últimos anos para ações oceânicas, tais como: destróieres da Classe Luda [17 em operação], Luhu [2]; fragatas da classe Jianghu [25], Jianghu III e IV [3] e Jiangwei [4]; além também de navios de patrulha costeira: Classes Hainan [95], Hegu e Hoku [70], Houjian [1], Houxin [8] e submarinos nucleares de ataque Classe Han [5], submarino nuclear lançador de mísseis nucleares classe Xia [1] e convencionais classe Romeo [92], demonstram a importância que as operações navais no Mar da China assumiram para a RPC, passando de uma postura de defesa costeira do

¹² Sobre a marinha da RPC e marinhas da Ásia ver: Kensuke Ebata. "Chill winds in the North-west Pacific." in: Capitan John Moore.[editor]. Jane's Naval Review. Fourth year of issue. London: Jane's Publishing, 1985, pp. 23-34.

¹³ Sobre a organização e história da MEPL ver: Hugh Lyon. "China's Navy: For Coastal Defense Only" in: Ray Bonds. The Chinese War Machine, op. cit., pp. 149-167.

território chinês, herdada da doutrina maoísta de guerra popular, para uma ação mais estratégica no cenário naval asiático, como para fazer frente as marinhas dos EUA e Japão e Taiwan. A Rússia atualmente não aparece como uma força naval de oposição, mas sim como eventual aliado e fornecedor de equipamentos navais para a RPC.¹⁴

Entretanto, comparando-se o poder da marinha da RPC com o da Marinha Americana no Pacífico e da Marinha Japonesa, além de ficar em desvantagem numérica, a MEPL também perderia no campo tecnológico, pois seus equipamentos navais são obsoletos em relação a esses possíveis adversários, como na capacidade estratégica e ação de longo prazo. Haveria ainda a marinha de Taiwan capaz de oferecer considerável resistência num conflito naval. *De fato, na região asiática a única potência naval é os EUA*, acompanhados do Japão e de sua marinha. Somente a marinha americana tem capacidade de ação global, em qualquer região marítima do mundo, como era a marinha britânica no século XIX. A atuação da MEPL é no máximo regional, na hipótese de um conflito contra países vizinhos e principalmente contra Taiwan. Ainda que tenham ocorrido avanços significativos com a construção de navios de grande porte, a MEPL ainda mantém uma postura defensiva, de proteção das suas águas territoriais e proteção das suas rotas marítimas.¹⁵

Forças Estratégicas.

As Forças Estratégicas da RPC compreendem forças nucleares de terra, com mísseis balísticos lançados do território chinês; um submarino

¹⁴ Idem as notas 14 e 15, ver notas 11 e 12 e também: Keith Faulkner. Jane's Warship Recognition Guide. Glasgow: Harper Collins Publishers, 1996, pp. 88-91; 164-169; 314-321. Sobre marinhas do norte da Ásia - China, Taiwan, Coreia do Norte, Coreia do Sul e Japão ver: G. K. Jacobs. "North Asia: progress on all quarters." In: Capitan John Moore[editor]. Jane's Naval Review. Third year of issue. London: Jane's Publishing, 1983, pp. 58-70.

¹⁵ Sobre a nova estratégia americana na Ásia no pós Guerra Fria e o papel da RPC, ver o interessante trabalho de Gilbert Achcar. "The Strategic Triad: The United States, Russia and China" in: New Left Review, number 228, March/April 1998. London: New Left Review Ltd, 1998, pp. 91-126

nuclear da classe Xia com mísseis nucleares e armas nucleares lançadas por bombardeiros Tu-16 [H-6]. A capacidade nuclear chinesa é de fato muito mais defensiva do que ofensiva, serve muito mais como força de dissuasão para eventuais ataques de outras potências nucleares, que foi pensada tendo em vista a defesa da RPC contra ataques nucleares dos EUA e URSS a partir de 1960. A RPC contaria com possivelmente 76 mísseis nucleares e 90 bombardeiros TU-16 que poderiam levar bombas nucleares. A organização e estratégia das Forças Estratégicas Chinesas se assemelham muito mais ao modelo da França, com uma *estratégia nuclear-nacionalista e defensiva* em essência, mas limitada frente a Rússia e os EUA. A posse de artefatos nucleares por si só é um fator significativo de dissuasão, inibindo qualquer ataque ao território da RPC, ou mesmo sua invasão.¹⁶

Reorganização do EPL para o início do século XXI.

No início do século XXI a principal preocupação no campo militar é a modernização do EPL, visando garantir a defesa nacional e da revolução de 1949 e as modernizações conduzidas pelo PCC, como auxiliar a RPC a desempenhar um papel mais significativo no cenário mundial. Um fator importante é a busca de profissionalização do EPL e diminuição dos seus quadros, passando para cerca de 2.500.000 homens e reorganizado em 7 regiões militares, semelhante a organização da FAEPL. Ocorre também a aplicação de uma parte considerável do orçamento de defesa na aquisição de novos equipamentos e aquisição de novas tecnologias, buscando-se mais qualidade em vez de quantidade. Tendo se beneficiado da globalização e das vantagens da nova revolução industrial das décadas de 1960 e 1970 - resultante do toyotismo e da revolução informática, sem entretanto abrir politicamente o regime como a antiga URSS, a RPC segue aumentando o

¹⁶ A respeito do EPL, suas forças estratégicas e dados estatísticos da RPC nas tabelas utilizadas a seguir ver: Robert Benewick; Stephanie Donald. The State of China Atlas. London: Penguin Books, 1999, pp. 50-53. O trabalho detalhado possibilita a inserção na complexa realidade da RPC, como nos seus dados estatísticos descomunais.

poder das suas Forças Armadas e ao mesmo tempo expandindo a economia. Nesse sentido sempre que possível procura agregar conhecimento e valor no desenvolvimento ou cópia de modelos militares da Rússia e Europa Ocidental. A obtenção de tecnologia militar dos EUA é difícil, devido à política americana de não transferência de tecnologia avançada, principalmente no campo militar, para outros países que não façam parte da OTAN, a exceção é o Japão com acesso a tecnologia de ponta americana no campo militar.

Ainda merece destaque a indústria bélica chinesa, que produzindo equipamentos menos sofisticados, mais rústicos e baratos conseguiu formar um nicho no mercado internacional de armas, especialmente para países em desenvolvimento e do terceiro mundo. Aparecendo como o exportador mais importante após os EUA, Europa Ocidental e Rússia. A seguir dados estatísticos do EPL, Taiwan e gastos de defesa no mundo na década de 1990.¹⁷

Quadro estatístico do EPL

<u>Ano</u>	<u>Efetivos [total das forças armadas]</u>
1978	4,3 milhões
1980	4,5 milhões
1985	3,9 milhões
1988	3,2 milhões
1989-1993	3 milhões
1994-1996	2,9 milhões
2000 [aproximado]	2,5 milhões

¹⁷ Idem op. cit, pp. 50-53.

Efetivos nas forças armadas [EPL] em 1998-1999

Exército	2.090.000
Marinha	260.000
Força Aérea	470.000
Forças de Mísseis Estratégicos	125.000
Mulheres	136.000
Total das Forças Armadas	2.820.000
Reservas	1.200.000

Forças auxiliares e policiais

Segurança interna	730.000
Comunicações, água, eletricidade, polícia florestal, etc	69.000
Guarda de fronteira, bombeiros, etc	200.000

Gastos militares no mundo 1995-1998

1º Estados Unidos	267 bilhões de dólares
2º Japão	43 bilhões de dólares
3º França	37 bilhões de dólares
4º Grã-Bretanha	36 bilhões de dólares
5º Coreia do Sul	17 bilhões de dólares
6º Rússia	16 bilhões de dólares
7º República Popular da China	10 bilhões de dólares

Equipamento militar e efetivos do EPL – 1998-99

Mísseis nucleares	76
Total de efetivos	2.9 milhões
Reservas	1.2 milhões
Tanques e veículos blindados	16.300
Aviões de combate	3.566
Navios	863

Equipamento militar e efetivos de Taiwan – 1998-99

Mísseis nucleares	nenhum
Total de efetivos	400 mil
Reservas	1,7 milhões
Tanques e veículos blindados	3.349
Aviões de combate	529
Navios	141

As tabelas mostram que apesar da dimensão dos efetivos, *a RPC gasta muito menos em defesa que vizinhos como o Japão e a Coreia do Sul*. Ainda que a RPC conseguisse dobrar os gastos até aproximadamente 2010, nunca faria frente para os EUA e Japão, principalmente depois do ataque de 11/9/2001 às torres gêmeas em NY e da recente guerra no Iraque quando os gastos militares americanos aumentaram significativamente. O governo Bush irá gastar provavelmente o dobro do que era gasto na década de 1990 até 2008, fim do seu segundo mandato. Portanto fica claro que apesar da condição militar da RPC ter aumentado de importância nos últimos anos, reforçando seu papel como ator importante no cenário internacional, ainda não é possível fazer frente ao poderio militar dos EUA por algumas décadas, *a antiga URSS tentou e não conseguiu*. Há ainda a defasagem tecnológica com relação aos EUA e a Europa no campo da guerra eletrônica como no desenvolvimento de “armas inteligentes”. Apesar da modernização da

economia chinesa no campo da guerra tecnológica moderna o *gap* ainda é considerável. Um passo importante demonstrando o esforço de modernização do EPL foi a RPC ter enviado um astronauta ao espaço recentemente e desenvolver seu próprio programa de satélites. Entretanto, apesar da RPC de caminhar a passos largos nos últimos anos, ainda está distante da tecnologia militar e aeroespacial da Europa Ocidental e EUA.

A questão de Taiwan e a possibilidade de conflitos na Ásia

A questão estratégica primordial do EPL é a volta de Taiwan para a “casa mãe”, formando novamente uma só China, como a manutenção do atual território continental. Militares da RPC não descartam a possibilidade de atacar a ilha se essa se declarar independente, mas a possibilidade mais realista seria adotar o modelo *“um país dois sistemas”*, como em Hong-Kong e Macau. As forças armadas de Taiwan são bem equipadas e preparadas com equipamento dos EUA e Europa, mais sofisticado que do EPL. A grande questão é qual seria o custo da invasão de Taiwan para a RPC, como também como seria a resposta dos EUA, auxiliando ou não seus aliados de longa data. *O resultado militar e político, de uma aliança EUA-Taiwan num possível conflito, seria desastroso para a RPC.*

A RPC também tem problemas fronteiriços ou de definição de fronteiras com boa parte de seus vizinhos: Rússia, Mongólia, Casaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Paquistão, e em especial com a Índia e o Vietnã, como também a disputa sobre soberania no Mar da China Meridional, e as ilhas Paracel, Spratly e o estreito de Taiwan. Há ainda a questão interna do Tibet e de minorias étnicas e religiosas.¹⁸

O conflito com Taiwan –Taiwan, desde 1949, preparou-se para uma provável invasão da RPC, estando a estrutura militar e social do país voltada para uma defesa contra uma *invasão anfíbia* ou por *via aérea através de*

¹⁸ Idem op. cit., ver também notas anteriores.

pára-quedistas. Nesses dois possíveis cenários a RPC ainda não tem meios para a sua realização, não dispondo ainda de aeronaves de transporte e navios anfíbios em número suficiente para esse fim. Supondo que a RPC tivesse superioridade aérea, a obsolescência dos seus aviões de combate não permitiria uma atividade aérea contra Taiwan diuturnamente. Poderia ocorrer um bloqueio naval, caso Taiwan declarasse independência, ou ataques com mísseis, como ocorreu na crise de 1996 entre os dois países. Entretanto no caso de um ataque a Taiwan, na melhor das hipóteses os EUA forneceriam equipamentos militares e abastecimento, prolongando o conflito e dificultando uma hipotética vitória da RPC, na pior atacariam a RPC defendendo Taiwan.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a dificuldade de uma possível invasão da Grã Bretanha pelos nazistas, o esforço tremendo para a realização do dia D pelos aliados e as dificuldades dos americanos no Pacífico em Iwo Jima e Okinawa, ou mais recentemente com os argentinos e britânicos na Guerra das Malvinas; demonstram o custo extremamente alto que pode ter uma batalha anfíbia. A vitória por parte da RPC poderia hipoteticamente ocorrer, devido a sua superioridade numérica, mas o custo seria tão alto e a possibilidade de fracasso tão presente, principalmente devido à possibilidade de um conflito com os EUA. A melhor política para a RPC é esperar por uma solução negociada, com a possibilidade de uma solução como a que ocorreu em Hong Kong e Macau.¹⁹

Considerações Finais

A dimensão e a capacidade defensiva do EPL em relação a qualquer adversário em potencial, é um fato incontestável. Invadir a RPC, ganhar no

¹⁹ Sobre um possível conflito entre a RPC e Taiwan e as dificuldades que seriam enfrentadas pela RPC para conquistar a ilha, ver o interessante e provocador artigo de: Michael O'Hanlon. "Why China Cannot Conquer Taiwan." in: International Security, vol 25 nº 2, fall 2000. Cambridge: Belfer Center for Science and International Affairs/Harvard University, 2000, pp. 51-86.

campo de batalha, tendo que vencer uma sociedade militarizada, regida por um partido único no molde socialista e com mais de 1 bilhão e 300 milhões de pessoas, num imenso território com uma geografia diversificada e com um notável crescimento econômico nos últimos vinte anos, é uma tarefa extremamente complexa com grande chance de fracasso. Com todas suas deficiências tecnológicas, o EPL mostrou-se um adversário considerável contra os EUA e aliados na Coreia, contra a Índia e a URSS na década de 1960. Ironicamente quando praticou uma ação ofensiva, contra o Vietnã em 1979, a China encontrou um adversário determinado, com décadas de experiência na guerra de resistência, com um modelo de política de defesa semelhante aquele praticado pelo EPL nos seus planos estratégicos.

Os conflitos fronteiriços no Vietnã mostraram para a RPC o que um exército de organização popular, liderado por um partido único de inspiração soviética pode oferecer como resistência. O EPL comprovava suas próprias teorias de defesa na prática, em um conflito regional. Em termos hipotéticos somente os EUA poderiam atacar a RPC com possibilidade de vitória, ainda assim a um custo tão alto que tornaria o conflito praticamente inviável. É sempre bom lembrar que a derrota da URSS na Guerra Fria não se deu no campo militar.

A modernização militar pretendida por Deng Xiaoping previa um grau maior de profissionalização e portanto o *abandono gradual da doutrina de guerra popular*, visando desenvolver forças armadas mais sofisticadas, que poderiam defender o território chinês de ataques soviéticos e em menor escala do ocidente. Como no início da década de 1980 ocorreu um recrudescimento da guerra fria entre EUA e URSS, durante a presidência de Ronald Reagan [1980-1988], o apoio do Ocidente a RPC e sua política modernização militar era um fato.

O Ocidente, em particular os EUA, fortaleciam a RPC estreitando laços econômicos, possibilitando o “milagre chinês”. Mas esse apoio tinha limites, visava fazer frente a URSS, fortalecendo a RPC. A modernização do

EPL, através da compra de equipamentos militares ocidentais, não pressupunha a transferência de tecnologia de ponta, apenas equipamentos de apoio eram fornecidos, não aqueles que poderiam ser utilizados na linha de frente num possível conflito com os EUA. Helicópteros, aviões e tecnologia naval, meios de transporte terrestres e ferroviários, acabaram fornecidos em maior escala pela Europa Ocidental do que pelos EUA. É inegável entretanto que o EPL alcançou grandes feitos desde a década de 1980, estando mais poderoso e moderno e menos distante tecnologicamente dos EUA, OTAN e Rússia, *mas ainda com o predomínio de uma estratégia defensiva.*

No princípio de 2005, a União Européia propôs levantar o embargo de venda de armas para a RPC em vigor desde a crise da Praça da Paz Celestial em 1989, com a possibilidade da venda de 15 bilhões de dólares em equipamentos militares diversos tais como; navios, aviões, mísseis e equipamentos eletrônicos, causando desconforto ao governo dos EUA, que não gostaria de ver a RPC com a posse de tecnologia militar avançada da Europa, em especial da França, Grã-Bretanha e Alemanha. A pressão dos EUA contra esses países reforça a busca pela elite dirigente e militar da RPC de “novos” fornecedores de equipamento militar sofisticado, cada vez mais se aproximando da Europa e da Rússia, tanto no campo econômico como no militar.

Bibliografia

Artigos e capítulos de livros:

ACHCAR, Gilbert. "The Strategic Triad: The United States, Russia and China" in: New Left Review, number 228, March/April 1998. London: New Left Review Ltd, 1998, pp. 91-126.

EBATA, Kensuke. "Chill winds in the North-West Pacific". in: Capitan John Moore [editor]. Jane's Naval Review. Fourth year of issue. London: Jane's Publishing, 1985, pp. 23-34.

JACOBS, G. K. "North Asia: progress on all quarters" in: Capitan John Moore [editor]. Jane's Naval Review. Third year of issue. London: Jane's Publishing, 1983, pp. 58-70.

KENNEDY, Colonel William. "The Defense of China's Homeland" in: BONDS, Ray[et. ali.]. The Chinese War Machine. A Technical Analysis of the Strategy and Weapons of the People's Republic of China. London: Salamander Books, 1979, pp. 93-121.

LYON, Hugh. "China's navy: For Coastal Defense Only" in: BONDS, Ray[et. ali.]. The Chinese War Machine. A Technical Analysis of the Strategy and Weapons of the People's Republic of China. London: Salamander Books, 1979, pp. 149-167.

NELSEN, Harvey W. "The Organization of China's Ground Forces" in: BONDS, Ray[et. ali.]. The Chinese War Machine. A Technical Analysis of the Strategy and Weapons of The People's Republic of China. London: Salamander Books, 1979, pp. 65-91.

REES, David. "Estrela Vermelha a Oriente" in: THOMPSON, Robert; KEEGAN, John. A Guerra no Mundo. Guerras e Guerrilhas desde 1945. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1983, pp. 1-15.

O'HANLON, Michael. "Why China Cannot Conquer Taiwan" in: International Security, vol 25 nº 2, fall 2000. Cambridge: Belfer Center for Science and International Affairs/Harvard University, 2000, pp. 51-86.

SHERIDAN, Michael. "É a primeira transição pacífica de poder" in: O Estado de S. Paulo. São Paulo, 20 de setembro de 2004, internacional pp. A 11.

Livros

BENEWICK, Robert; DONALD, Stephanie. The State of China Atlas. London: Penguin Books, 1999.

BONDS, Ray[et. ali]. The Chinese War Machine. A Technical Analysis of the Strategy and Weapons of the People's Republic of China. London: Salamander Books, 1979.

BONDS, Ray[et. ali]. The Soviet War Machine. The illustrated encyclopedia of the strategy, tactics and weapons of The Soviet War Machine. London: Salamander Books, 1980.

FAULKNER, Keith. Jane's Warship Recognition Guide. Glasgow: Harper Collins Publishers, 1996.

FOSS, Christopher F. Jane's Tank Recognition Guide. Glasgow: Harper Collins Publishers, 1996.

LUBETKIN, Wendy. Os Grandes Líderes – Deng Xiaoping. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

THOMPSON, Robert; KEEGAN, John. [et. ali.]. A Guerra no Mundo. Guerras e Guerrilhas desde 1945. Lisboa/São Paulo. Editorial Verbo, 1983.

WEEKS, Colonel John. Jane's Pocket Book Armies of the World. London/Sydney: Jane's Publishing, 1981.

WILLIS, David [editor, et. ali]. Aerospace Encyclopedia of World Airforces. London/Westport: Aerospace Publishing/AIRtime Publishing, 1999.

YOUNG, John Robert. The Dragon's Teeth. Inside China's Armed Forces. New York: Orion Books, 1987